

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	02	14	F40	03
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Sul
MUNICÍPIO / UF	Cachoeiro do Itapemirim / ES

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Caxambu Santa Cruz
OUTRAS DENOMINAÇÕES	-
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Maria Laurinda Adão		☐ MASCULINO	
			☒ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Aposentada	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	03/06/1943	
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____			

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.**4. FOTOS**OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

ES	01	02	14	F40	03
----	----	----	----	-----	----



Maria Laurinda Adão, Caxambu Santa Cruz, Monte Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.



Apresentação do Caxambu Santa Cruz, Monte Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Bianca Pataro, 03/05/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03**

Apresentação do Caxambu Santa Cruz: mão toca o tambor para iniciar o canto, Monte Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Bianca Pataro, 03/05/2014.



Apresentação do Caxambu Santa Cruz e percussão dos tambores, Monte Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Bianca Pataro, 03/05/2014.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Jongo é uma forma de expressão musical e coreográfica, registrada como patrimônio imaterial brasileiro em 2007. No Sul do Estado do Espírito Santo a forma de expressão é comumente chamada de Caxambu, com exceção de algumas localidades, como Anchieta, em que os grupos a denominam como Jongo. O Caxambu Santa Cruz é um grupo rural, sediado na comunidade de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, Cachoeiro do Itapemirim. O grupo tem ligação com a família Adão e sua líder é a mãe de santo Maria Laurinda Adão, que cuida das atividades do Centro Espírita São Jorge, na própria localidade. Maria Laurinda atua, ainda, como parteira, coveira e lavradora. A presença do Caxambu em Monte Alegre é antiga, remontando aos ancestrais de Maria Laurinda, possivelmente, desde meados do século XIX. A composição do grupo reúne, aproximadamente, 20 pessoas, sobretudo jovens da comunidade, entre moças e rapazes, a maioria familiares de Maria Laurinda. A musicalidade é atribuída pelo toque de, apenas, dois tambores de madeira, com a percussão executada por Adevalmira Adão, irmã de Maria Laurinda, e seu filho. O fato de contar com uma tamborzeira diferencia o grupo sobremaneira, sendo que não se identificou entre os grupos capixabas inventariados outra mulher na percussão dos tambores, bem como dos reco-reco, que não são usados no caso do Caxambu Santa Cruz. Os cantos são puxados pelos componentes do grupo que possuem essa habilidade, bastando

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03**

que se dirijam aos tambores, levem a mão aos instrumentos interrompendo a música entoada, e digam “Aê, Aê”, indicando que darão início à novos versos. Todos utilizam vestimentas padronizadas, com as mulheres trajando-se de saias longas rodadas e blusas brancas com detalhes azuis, e os homens usam bermudas e blusas nas mesmas cores. Todos usam um turbante na cabeça, à moda africana. A recriação do Caxambu Santa Cruz ocorre em festas para as quais recebe convites e no festejo em comemoração ao dia 13 de maio, denominado Raiar da Liberdade, que é organizado pela própria comunidade desde 1888, segundo Maria Laurinda.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O lugar do Caxambu Santa Cruz é a comunidade rural de Monte Alegre, no distrito de Pacotuba, Cachoeiro do Itapemirim. Mas, as apresentações do Caxambu Santa Cruz não se limitam à comunidade Monte Alegre, acontecendo em variados lugares, conforme os convites que o grupo recebe. Não foram localizadas informações documentais sobre a formação da comunidade. Mas, a tradição oral de seus moradores registra que a fundação de Monte Alegre tem origem no assentamento de negros libertos de fazendas da região após 1888, com o fim da escravatura. Outros falam que ali existia um quilombo e que, com a libertação dos escravos, negros libertos teriam se dirigido para lá, juntando-se aos que ali viviam e aumentando a população. O nome da localidade, segundo Maria Laurinda, tem relação direta com o Caxambu e outras danças, que ela não esclarece quais, mas que eram realizadas à noite pelos moradores antepassados. De acordo com documento enviado à Fundação Palmares, em julho de 2005, solicitando a certificação dessas terras como remanescentes de quilombo, existe a seguinte referência à organização da comunidade e do surgimento de sua denominação:

O negro [...] começou a organizar meios para expressar suas alegrias e normalmente eles praticavam uma dança denominada caxambu. Com o crescimento da comunidade e suas diversões afro-brasileiras, pessoas deslocavam-se de outras vizinhas para alegrarem-se junto aos negros. Daí surgiu o nome Monte Alegre.¹

Assim, o local ficou conhecido como Monte Alegre, pois ali havia muitos festejos. Atribui-se a um negro de nome Adão, escravo na Fazenda Boa Esperança, que pertencia a Família Amorim, a fundação da comunidade, sendo ele o antepassado mais distante que Maria Laurinda tem notícia na prática do Caxambu. O sobrenome familiar Adão faz referência ao escravo e tem sido repassado em sua família há, pelo menos, cinco gerações. A comunidade teve seu reconhecimento como quilombola pelo INCRA em 2008. Ali residem cerca de 600 pessoas que vivem da agricultura de subsistência. O acesso à telefonia pública ocorre por meio de, apenas, um orelhão. Na comunidade encontra-se instalada uma escola municipal de educação básica que atende à população, a EMEB Monte Alegre. Não existem saneamento básico e posto de saúde. A comunidade fica próximo às margens do Ribeirão Floresta, afluente do Itapemirim.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O principal marco edificado da comunidade Monte Alegre é o Centro Espírita de Umbanda São José, liderado por Maria Laurinda Adão. A casa de oração foi transmitida a atual mãe de santo por seu irmão, José Paulo Adão, o qual migrou para uma religião evangélica e repassou a ela o comando do centro espírita. A edificação foi erguida pela família de Maria Laurinda em data indeterminada e foi reformada em 2012, com recursos adquiridos por esforços da mãe de santo. Atrás do Centro Espírita São Jorge localiza-se a biblioteca da escola de Monte Alegre, também sob a responsabilidade de Maria Laurinda. A casa de oração de Maria Laurinda é um símbolo da identidade cultural da comunidade de Monte Alegre, ainda que lá também existam templos evangélicos e uma capela católica. O local é referência quando se fala no Caxambu Santa Cruz, ocorrendo ali festividades em que o grupo realiza a forma de expressão, como na festa dos santos Cosme e Damião, em 1º de novembro.

¹ Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre – Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo – UFES – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Território “Quilombola” de Monte Alegre – História, Cultura, Meio Ambiente e Direito Étnico. Vitória – ES. 2006.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

A ocorrência do Caxambu Santa Cruz requer o acendimento de uma fogueira próxima ao local da roda, para que o couro dos tambores seja afinado com o calor do fogo. No mais, os componentes do grupo formam uma roda voltada para os tambores, que são dispostos em pé, com os percussionistas também de pé ou sentados em cadeiras para realizarem o toque. A dança ocorre livremente e de forma individual, com o dançante vindo ao centro da roda, realizando seus passos e puxando outro ao centro, tomando seu lugar na roda. Quem desejar iniciar um canto deve tocar um dos tambores com a mão e proferir o verso “Aê, Aê”, dando início a uma nova toada que é repetida em cortejo por todos.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Não existe época específica para execução da forma de expressão, sendo que é comum o grupo apresentar-se nos festejos locais, como no Raiar da Liberdade, em Vargem Alegre, no fim de semana de maio, assim como na festa Raiar da Liberdade, em 13 de maio, na própria comunidade.

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

Maria Laurinda Adão nasceu em 1943, na comunidade de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, Cachoeiro do Itapemirim. Atua como líder comunitária, exercendo, ainda, as funções de coveira, parteira e lavradora. É mãe de santo no Centro Espírita de Umbanda São Jorge, que foi repassado a ela por seu irmão, José Paulo Adão, quando se converteu a uma religião evangélica. Conheceu o Caxambu ainda criança e os tambores foram repassados a ela por sua mãe, Eremita Ventura, há, pelo menos, 50 anos. Com isto, recebeu, também, a responsabilidade de levar adiante a forma de expressão. Os instrumentos possuem cruzeiros lavrados em cada objeto musical, daí o nome Caxambu Santa Cruz.

O Caxambu foi começado assim. [...] desde criança eu acompanhava, né? Depois que foi morrendo os mais velhos, e foi ficando, foi ficando, depois que minha mãe entregou o Caxambu pra mim, que eu sou quem toma conta do Caxambu. [...] Nós lá ultimamente, em Monte Alegre, a tradição que tem que eu acho mais importante é o Caxambu, por causa de ser 13 de maio, o Raiar da Liberdade.²

Sobre a sacralidade dos instrumentos, Maria Laurinda disse que, “O caxambu, ninguém pode sentar nele”.³ Os tambores guardam a história de sua família e pertenceram a seu avô, José Ventura. Assim, além de instrumentos musicais, os tambores podem ser entendidos como símbolos de seus ancestrais e matéria da continuidade do Caxambu e de sua própria história familiar.

É um instrumento de muito respeito. Aí minha mãe falou pra mim: Ó, aonde você for, você leva esse caxambu, mas volta com ele pra casa, que isso é herança do meu pai [avô de Maria Laurinda]. Então a gente tem muito cuidado com ele. Todo lugar que a gente vai, leva. Já foi em Brasília, já foi três vezes lá em Brasília e voltou. Vai, leva e trás, não deixa pra trás. E todo o lugar que ele vai eu não gosto nem de levar no bagageiro [...] é um instrumento que ninguém mais faz igual era, aquele instrumento certinho. Que agora faz sim, aquelas madeira broqueada, essas coisas assim. Não é aquela madeira legitimada que passou no retorno e muito bem trabalhada por dentro.

A história do Caxambu na família de Maria Laurinda, materializada na transmissão dos instrumentos musicais, foi assim contada por Oliveira (2014, p.04 – 05):

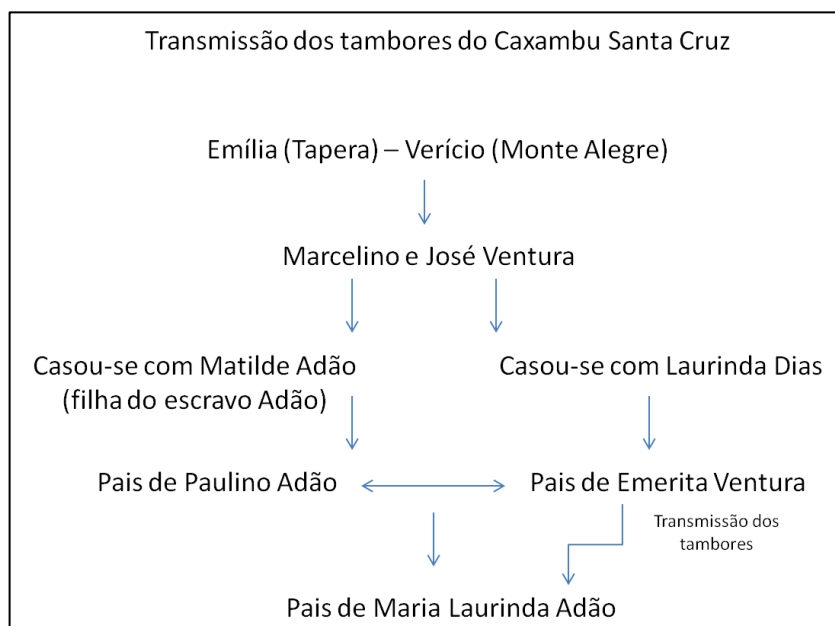
² A narrativa de Maria Laurinda Adão está registrada em V-Jongo_Entrevista-Maria Laurinda_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_03-05-2014_28m58s

³ A palavra caxambu com grafia minúscula refere-se à denominação dos tambores.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****03**

[...] Emília, que era da localidade de Tapera [atual Vargem Alegre]. [...] Ao se casar com Verício, que era da Fazenda Monte Alegre, ela teria recebido um caxambu (tambor) como presente de casamento de outros caxambuzeiros da Tapera, localidade que pertencia a Fazenda São Vicente. No final de sua vida, Emília transmitiu a guarda do referido caxambu, assim como os saberes relativos a ele, para os irmãos José e Marcelino Ventura, que, no final do século XIX, teriam se deslocado de Campos dos Goytacazes a procura de seu tio, que tinha terras a margem do Ribeirão Floresta (rio que perpassa Monte Alegre e é um afluente do rio Itapemirim), e se tornaram trabalhadores semi-escravizados na Fazenda Boa Esperança. Esses irmãos eram capoeiristas e, posteriormente, adquiriram terras em Monte Alegre. O primeiro era casado com Laurinda Dias e o segundo com Matilde Adão, filha do velho Adão. Os referidos irmãos deram continuidade ao processo de transmissão cultural do caxambu e, posteriormente, José o transferiu para seus filhos Nelson e Eremita Ventura. Após a morte de Nelson, Eremita se converteu à Igreja Assembléia de Deus e, segundo dados de sua entrevista em 2005, ela entregou o tambor para sua filha Maria Laurinda Adão (nomes herdados do passado), com as seguintes palavras: *“Maria, tome conta desse caxambu, que ele pertencia ao seu avô”*. Assim, Maria Laurinda se torna herdeira dos nomes, do caxambu e de uma espiritualidade que seus antepassados de origem bantu a transmitiram.

Na citação de Oliveira (2014), nota-se que a transmissão dos tambores e, com eles, da responsabilidade de guardar a forma de expressão, tem origem nos avós de Maria Laurinda, que eram irmãos: José Ventura, avô materno, e Marcelino Ventura, avô paterno. Os irmãos teriam recebido os instrumentos de uma mulher chamada Emília, procedente da Tapera, próxima a atual comunidade de Vargem Alegre. Marcelino Ventura, o avô materno, era casado com Matilde Adão, filha do lendário Adão, caxambuzeiro e escravo da Fazenda Esperança. José Ventura, o avô paterno, casou-se com Laurinda Dias, repassando os instrumentos ancestrais aos seus filhos, Nelson e Eremita. Maria Laurinda é, portanto, filha de Eremita Ventura e de Paulino Adão. A transmissão dos instrumentos na família de Maria Laurinda pode ser observada na representação esquemática adiante.



Fonte: Elaborado por Bianca Pataro a partir de dados de Oliveira, 2014.

A primeira transmissão dos tambores, de Emília para os irmãos Ventura, pode ter ocorrido no final do século XIX, quando os irmãos deslocaram-se de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, a procura de um tio que tinha terras nas proximidades do Ribeirão Floresta que corre, justamente, nas terras de Monte Alegre. Os tambores chegaram a Maria Laurinda há, aproximadamente, 50 anos, quando sua mãe, Eremita Adão, converteu-se à Igreja Assembleia de Deus. Logo, o Caxambu executado em Monte Alegre pelos familiares de Maria Laurinda recebeu a denominação de Caxambu Santa Cruz a partir das cruzes lavradas nos instrumentos, as quais teriam sido esculpidas por seu avô, José Ventura. Contudo, Maria Laurinda atribui ao ano de 1888 a data de fundação do grupo, considerando que o mito fundacional do Caxambu é associado por ela à libertação os escravos, os quais dançaram o Caxambu para comemorar a liberdade. Nessa mesma data Maria Laurinda diz que foi realizada a primeira festa para celebrar a abolição da escravidão. O festejo recebeu no ano 2000 o nome de Raiar da Liberdade, valorizando a tradição de comemorar o 13 de maio em Monte Alegre com feijoada e Caxambu, o que já era praticado pelos pais de Maria

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03**

Laurinda. Ela contou que começou a organizar o festejo quando tinha 21 anos e nunca interrompeu. Desde o ano 2000 tem o apoio da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim e do gestor de projetos culturais Genildo Coelho Hautequestt Filho, que executa a captação de recursos, via leis de incentivo à cultura, para a promoção da festa. Nos últimos anos, a festividade tem sido realizada com patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, por meio de edital de chamamento público para eventos. Maria Laurinda transmite a tradição do Caxambu para seus netos e sobrinhos, assim como sua irmã, Adevalmira Adão, repassou o toque dos tambores para seu filho, conhecido como Adão.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

O Caxambu, para Maria Laurinda, é uma dança que surgiu com os negros, que celebraram a abolição da escravidão com o toque dos instrumentos e a dança. Assim, ela situa o surgimento da forma de expressão junto ao passado das comunidades negras escravizadas, que tinham no Caxambu seu divertimento, ressaltando que desde a abolição o Caxambu não parou mais.

Naquele tempo [da escravidão], os negros não tinham valor. Era só trabalhar, comia e apanhava. Então a filha do rei disse para o rei que [...] se ele não acabasse com a escravidão ele também ia pra força, igual os negros ia pra força. Então ele pensou, pensou e um dia 13 de maio aí ele começou a fazer as coisas tudo escondida pra não falar que ele ia acabar com a escravidão. Aí ia ser o dia da liberdade, 13 de maio, né? Aí quando foi no dia 13 de maio o povo foi para trabalhar e aí ele mandou que uns fossem cortar lenha [...] que as sinhás fosse matar galinha, outros foram matar porco, essas coisas assim pra fazer um festão, mas ninguém sabia não, era tudo escondido. E ele mandou fazer uma bandeira. Então quando foi, assim, na hora do almoço, aí tocava uma corneta, pro povo vir almoçar. [...] Nesse dia quando ele tocou a corneta aí ele chegou na varanda e disse que, e abriu aquela bandeira, e falou que tinha raiado a liberdade. Então o povo, daquele dia em diante, cada um ia fazer pra si e não era escravo mais, que a escravidão tinha acabado, tinha raiado a liberdade. [...] Aí a sinhá falava com as negras: _Você fica mais uns dias pra mim, que eu não sei cozinhar, eu não sei tratar de filho, eu não sei fazer nada. Aí diz que tinha aquelas negras que era muito sabidinha, aí diz que passou a mão na vassoura aí falou: [cantando]_Eu já varri sua cozinha, agora não varro mais. Eu já varri sua cozinha, agora não varro mais! E dançando, todo mundo alegre. [...] Aí diz que tinha, os que carregava a lenha, aí fez aquele monte, nem sabia fazer fogueira, fez aquele monte de pau pra poder botar fogo, e mandou, o rei mandou apanha uns caixote, aqueles que era mais inteligente batia e cantava, mas não tinha nem instrumento, não tinha nada. E justamente esse Caxambu que nós temos ainda é do tempo da escravidão.

Em sua fala, nota-se que ela considera o Caxambu Santa Cruz como continuidade histórica do Caxambu praticado por seus ancestrais. O sentido da forma de expressão, portanto, é celebrar a liberdade e a herança cultural de seus antepassados. Sobre as transformações no Caxambu, ela relatou que, no passado, apenas homens batiam os tambores, enquanto na atualidade *“bate home, bate mulher, bate rapazinhos”*. Era, então, uma reunião de homens mais velhos e hoje é livre para todas as idades. Da mesma forma, Maria Laurinda salientou que hoje o Caxambu é levado na brincadeira, mas antigamente era coisa séria, com muito misticismo envolvido devido à força espiritual dos negros escravizados. Mas que hoje, as pessoas não têm mais aquela força de fazer magia dentro do Caxambu, assim como para fazer os tambores ressoarem bem longe, por quilômetros, como acontecia no passado da forma de expressão.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Maria Laurinda contou histórias de magias realizadas nas rodas de Caxambu no tempo da escravidão, como a da prática de plantarem uma bananeira e, à meia noite, todos da roda comiam das bananas que tinham nascido e amadurecido nessa árvore mágica. Da mesma forma, os caxambuzeiros bebiam vinho retirado de forma fantástica das braúnas que serviam de esteio para as casas. O Caxambu foi, assim, representado por ela como lugar mágico, que reunia no passado pessoas com muita força espiritual. No presente ela diz se tratar de uma diversão, uma celebração da liberdade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****03****9.3. CRONOLOGIA**

DATA	DESCRIÇÃO
Final do século XIX	Os tambores são repassados de Emília, da Tapera, para os avôs de Maria Laurinda.
1888	A comunidade de Monte Alegre celebra a libertação dos escravos com o Caxambu.
1943	Nascimento de Maria Laurinda Adão
1964	Com 21 anos, Maria Laurinda recebe os tambores de sua mãe e assume a organização da feijoada, no 13 de maio, e a guarda do Caxambu.
2000	A Associação de Folclore de Cachoeiro inicia sua colaboração na organização do festejo, atribuindo o nome de Raiar da Liberdade e elaborando, a partir daí, projetos para captação de recursos para sua execução.
2008	Publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo de Monte Alegre.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Os principais produtos do Caxambu Santa Cruz são suas apresentações, que acontecem em festejos da comunidade de Monte Alegre, como o Raiar da Liberdade em 13 de maio, ou em outras localidades, conforme os convites que recebe. No que se refere ao repertório musical do grupo, os versos são sempre iniciados com o “Aê, Aê”, que paralisa os tambores e indica que uma nova música vai começar. As músicas são transmitidas por Maria Laurinda, que também compõem alguns versos, ou, ainda, são inventadas de improviso pelos componentes do grupo que tem essa habilidade. Segue, alguns versos entoados pelo Caxambu Santa Cruz com a temática do fim da escravidão, assunto comum em seu repertório musical.

(1)

Princesa foi-se embora

Escreveu no papelão

Princesa foi-se embora

Escreveu no papelão

Quem quiser comer

Trabalhar com sua mão

Quem quiser comer

Trabalhar com sua mão

(2)

Eu já varri sua cozinha

Agora não varro mais

Eu já varri sua cozinha

Agora não varro mais

(3)

Passei na ponte a ponte estremeceu

Passei na ponte a ponte estremeceu

Não sou mais do que ninguém

Ninguém é mais do que eu

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****03****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
Rodas de Caxambu	Acontecem em momentos festivos da comunidade de Monte Alegre ou atendendo a convites para participação de festejos em outras comunidade ou municípios.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Maria Laurinda	Líder do grupo, autodenominando-se mestre. Mãe de Santo do Centro Espírito São Jorge.
Adevalmira Adão	Tamborzeira. Cambone do Centro Espírito São Jorge.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Aquisição das vestimentas.
QUEM PROVÊ	Foram adquiridas com recursos captados pela Associação de Folclore de Cachoeiro junto à Secult-ES.
FUNÇÃO	Uniformizar e identificar os dançantes nas apresentações.
DESCRIÇÃO	Transporte apresentações.
QUEM PROVÊ	Para as apresentações, os responsáveis pelos festejos disponibilizam ônibus, muitas vezes com ajuda da Prefeitura Municipal ou da Associação de Folclore de Cachoeiro.
FUNÇÃO	Participação em festividades.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Madeira e couro para a produção dos tambores.
QUEM PROVÊ	Os tambores pertencem a Maria Laurinda podendo-se inferir que datam de 100 anos. .
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A madeira ocada serve de corpo do instrumento e o couro fixado em uma das extremidades produz o som. Os tambores de Maria Laurinda não possuem pregos.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não existem comidas e bebidas próprias à forma de expressão.
QUEM PROVÊ	-
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Tambores.
-----------	-----------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03**

QUEM PROVÊ	Pertencem a Maria Laurinda.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os tambores são os únicos objetos sonoros usados para executar a música no Caxambu Santa Cruz. Possuem como marca as cruzes esculpidas na madeira de cada instrumento.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Saias rodadas e blusas brancas e azuis para as mulheres e bermudas e camisas brancas e azuis para os homens. Todos usam turbantes nessas mesmas cores na cabeça.
QUEM PROVÊ	O tecido e a confecção das roupas foram custeados com recursos repassados pela Associação de Folclore de Cachoeiro e desenhados por Genildo Coelho Hautequestt Filho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A vestimenta padronizada diferencia o grupo dos demais e marca sua identidade visual. As saias rodadas são agitadas na dança.

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Movimentos individuais ou em dupla no meio da roda.
QUEM EXECUTA	Mulheres e homens.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança é livre, sendo executada por quem desejar entrar na roda.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	As músicas entoadas pelo grupo caracterizam-se como cantos responsoriais, com a execução dos versos e sua repetição em coro pelos demais. Para dar início a um canto a pessoas deve levar a mão ao tambor para suspender a música executada naquele momento, dizendo "Aê, Aê" e daí iniciar uma nova música
QUEM PROVÊ	Os versos entoados fazem parte do repertório tradicional do Jongo e Caxambu e foram transmitidos por Maria Laurinda.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As músicas narram aspectos do passado da escravidão, da abolição da escravatura e do cotidiano da vida rural.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Tambores de madeira.
QUEM PROVÊ	Maria Laurinda.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Atribuir sonoridade as rodas, acompanhado dos versos e de palmas.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Maria Laurinda	Guarda das vestimentas e dos tambores.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 03****11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO**

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	Apresentação cultural.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Associação de Folclore de Cachoeiro.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Centro Espírita São Jorge	Cachoeiro do Itapemirim - Anexo 3 - ES 01 02 14 F1 A3
Raiar da Liberdade	Cachoeiro do Itapemirim - Anexo 3 - ES 01 02 14 F1 A3

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Sem referência.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Sem referência.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

V-Jongo Entrevista-Maria Laurinda Reis, Guilherme Cachoeiro do Itapemirim-ES 02-05-2014 28m58s

V-Jongo Recriação-Caxambu Santa Cruz Reis, Guilherme Cachoeiro do Itapemirim-ES 02-05-2014 18m49s

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F- Jongo_Caxambu Santa Cruz_ Mestre Maria Laurinda Reis, Guilherme_Monte Alegre_ Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[2]_ Pataro, Bianca_Monte Alegre_ Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[3]_ Pataro, Bianca_Monte Alegre_ Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[4]_ Pataro, Bianca_Monte Alegre_ Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

F- Jongo-Caxambu Santa Cruz_Tamborzeira Adevalmira_Pantaro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[5]_ Pataro, Bianca_Monte Alegre_ Cachoeiro do Itapemirim_ES 03-05-2014

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[6]_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz[7]_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim ES_03-05-2014
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz_Dança e canto_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz_Dança Pataro, Bianca_Monte Alegre- Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014(2)
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz_Percussão dos tambores e canto_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014
F-Jongo_Caxambu Santa Cruz_Tambor_Pataro, Bianca_Monte Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Bem registrado em 2007 pelo IPHAN.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Sem referência.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Sem referência.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40		
PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Guilherme Reis, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
REDATOR	Bianca Pataro Dutra		25/09/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		